TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO
WERNER, LIMA & Cia.
R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO

Vermelho

O SEGREDO DE JAVOTTE

CONTO

POR

ALFREDO DE MUSSET

TRADUCÇÃO

DE

SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65 — Rua do Ouvidor — 65

—

1873

O SEGRÊDO DE JAVOTTE

I

No outomno passado, pelas 8 horas da noite, dous moços, voltando da caça, seguiam a cavallo a estrada de Noisy, álguma distancia de Luzarches. Atraz delles caminhava um pagem conduzindo os cães. O sol desapparecia e dourava ao longe a bella floresta de Carenelle, onde o finado Duque de Bourbon gostava de caçar.

Emquanto o mais moço dos dous cavalleiros, que devia ter uns vinte e cinco annos, trotava alegremente na sua cavalgadura, e divertia-se em saltar as sébes, o outro parecia distrahido e preoccupado. Ora excitava o cavallo e tocava-o com impaciencia, ora parava subitamente e ficava atraz, a passo, como absorvido pelos seus pensamentos. Apenas respondia aos ditos alegres do companheiro, o qual, pelo seu lado, gracejava com o seu silencio. Em summa, parecia engolfado nessa extranha meditação, particular aos sabios e aos amantes, que raramente estão onde parecem estar. Chegando a uma encruzilhada, apeou, e, adiantando-se para a beira de um fosso, apanhou um raminho de sal-

gueiro que estava bem profundamente enterrado na areia; arrancou uma folha do ramo, e, sem ser visto, metteu-a furtivamente no seio; depois, tornando logo a montar a cavallo, disse para o pagem:

— Pedro, volta e vai para Clignets pela aldeia; eu e meu irmão vamos pela coelheira, porque estou vendo que a Gitana hoje não está muito boa; era capaz de prégar-me alguma, si encontrassemos na estrada alguma boiada voltando para a fazenda.

O pagem obedeceu e tomou com os cães uma trilha que seguia pelas rochas. Vendo isto, o moço Armando de Berville, que assim se chamava o mais moço dos dous irmãos, soltou uma estrepitosa gargalhada.

— Com effeito, meu caro Tristão, disse, estás de uma prudencia admiravel esta noite. Não tens medo que Gitana seja devorada por algum carneiro? Mas, por mais que faças, sou capaz de apostar que, apezar de todas as tuas precauções, o misero animal, de ordinario tão tranquillo, vai fazer-te alguma daqui a uma meia hora.

— Porque então? perguntou Tristão, breve e quasi irritado.

— Porque é fóra de duvida, respondeu Armando approximando-se do irmão; porque vamos passar por diante da avenida de Renonval, e a tua egua costuma corcovear quando vê grades de ferro. Felizmente, accrescentou rindo-se cada vez mais, lá está a Sra. de Vernage, e acharás em sua

casa bom agasalho, si a Gitana quebrar-te uma perna.

— Má lingua, respondeu Tristão sorrindo por sua vez um tanto contrariado, quando te deixarás de teus máus gracejos?

— Não estou gracejando, replicou Armando; e que mal ha nisso? A marqueza tem espirito; gosta dos galões, é proprio da sua idade. Não tens a honra de estar ao serviço do rei no regimento dos hussards negros? Si, por outro lado, ella gosta tambem da caça, e si acha que a tua trompa faz bonito effeito ao sol sobre a tua veste vermelha, será isso um peccado mortal?

— Escuta, desmiolado. Que brinques assim entre nós, si isso te agra-

da, está muito bom; mas pensa seriamente no que dizes, quando houver um terceiro que ouça. A Sra. de Vernage é amiga de nossa mãi; sua casa é um dos unicos recursos que temos no lugar para amenisarmos esta vida monotona que te diverte a ti, advogado sem causas, mas que me mataria si eu a levasse por muito tempo. A marqueza é, entre as raras pessoas do nosso conhecimento, a unica mulher...

— Mais agradavel, accrescentou Armando.

— Como queiras. Tu mesmo não desgostas muito de ir a Renonval, quando nos convidam. Não seria de muito espirito de nossa parte malquistarmo-nos com essa gente, e os teus ditos acabarão por fazê-lo, si conti-

núas a papaguear a torto e a direito. Sabes muito bem que eu não tenho pretensão alguma de agradar á Sra. de Vernage...

— Toma sentido com a Gitana! exclamou Armando. Olha como ella levanta as orelhas; digo-te que pressente a marqueza a uma legua.

— Basta de gracejo. Lembra-te do que estou te recommendando, e trata de pensar sériamente nisso.

— Penso, e muito sériamente, que a marqueza fica muito bem com mangas lizas, e que o preto assenta-lhe maravilhosamente.

— A que proposito vem isso agora?

— A proposito de mangas. Tu pensas que os outros são cegos? Outro

dia, conversando do bote, não te ouvi muito claramente dizer que o preto era a tua côr predilecta, e a boa marqueza, com esta declaração, não teve a delicadeza de, chegando á casa, subir ao seu quarto e descer depois galantemente com o mais preto de todos os seus vestidos?

— O que ha nisso de admiravel? pois não é muito simples mudar de roupa para jantar?

— Toma sentido com a Gitana, digo-te eu; é capaz de tomar o freio, e levar-te direitinho, máu grado teu, á estrebaria de Renonval. E a semana passada, na festa, essa mesma marqueza, sempre vestida de preto, não achou natural metter-me na grande caleça com o meu cão e o Sr. cura,

para subir ao teu tilbury, em risco de mostrar a perna?

— O que prova isso? era necessario que um de nós dous tomasse o incommodo.

— Sim, mas esse um sou sempre eu. Não me queixo, não tenho ciumes; mas ainda hontem, na partida para a caça, não se lembrou ella de sahir do seu carro e tomar-me o meu proprio cavallo, que eu lhe cedi com um desinteresse admiravel, para poder galopar no bosque, ao lado do Sr. official? Anda, queixa-te de mim, que sou a tua Providencia; em vez de te encerrares nas tuas denegações, devias-me, sériamente fallando, a tua confiança e os teus segredos.

— Que confiança queres que se de-

posite em um estouvado como tu, e que segredos queres que eu te conte, si não ha verdade nenhuma no que estás para ahi a dizer?

— Toma sentido com a Gitana, meu irmão.

— Estás me impacientando com o teu estribilho. E quando fosse certo que eu tivesse a phantasia de ir esta noite fazer uma visita a Renonval, o que haveria nisso de extraordinario? Teria porventura necessidade de um pretexto para pedir-te que viesses commigo ou que voltasses sósinho para casa?

— Não, de certo; da mesma sorte que si viessemos a encontrar a Sra. de Vernage passeiando diante da sua avenida, nada tambem haveria de

sorprehendente. O caminho por que noslevas é claramente o mais longo, é certo; mas o que é lá um quarto de legua em comparação com a eternidade? A marqueza, sem duvida, ouvio-nos tocar a trompa; seria bem razoavel que estivesse tomando a fresca na estrada, em companhia do seu inevitavel adorador e visinho, o Sr. de la Bretonnière.

— Confesso, disse Tristão, bem satisfeito por mudar de conversa, que o tal Sr. de la Bretonnière aborrece-me extraordinariamente. Póde-se lá conceber que uma mulher de tanto espirito, como a Sra. de Vernage, deixe-se monopolisar por um parvo, e arraste por toda a parte semelhante sombra?

— E' certo, respondeu Armando,

que o sujeito é pesado e indigesto. E' um verdadeiro fidalgote, na extensão da palavra, creado e posto no mundo para o papel de visinho. Ser visinho é o seu fim; é quasi até a sua sciencia, pois sabe ser visinho como ninguem. Nunca vi um homem mais á vontade do que elle fóra da sua casa. Si se vai jantar em casa da Sra. de Vernage, está elle na ponta da mesa, no meio das creanças. Cochicha com a ama, dá cozido ás creanças; e nota bem, que não é um papa-jantares ordinario e classico que se julga obrigado a rir si a dona da casa diz uma graça; estaria antes disposto, si ousasse, a censurar e contrariar tudo. Si se trata de um passeio ao campo, nunca deixa de achar que o tempo não está seguro. Si alguem

cita uma anecdota, ou falla de uma curiosidade, elle já vio cousa muito melhor; mas não se digna de dizer o quê, e contenta-se com abanar a cabeça, com uma modestia que dá vontade de dar-lhe pancada. Implicante creatura! Não sei, realmente, si é possivel conversar durante um quarto de hora com a Sra. de Vernage, quando elle lá está, sem que a sua cabeça inquieta e assanhada venha intrometter-se entre a gente e ella. Certamente não é bonito, nem tem espirito; tres quartas partes do tempo leva sem dizer palavra, e, por um favor especial da Providencia, tem a habilidade de, estando calado, ser mais massante que um fallador, só pelo modo com que olha os outros. Mas o que lhe

importa? Elle não vive, assiste á vida, e trata de incommodar, de desanimar e de impacientar os vivos. Apezar de tudo isso, a marqueza o supporta; tem a caridade de o escutar, de o animar; creio, sériamente, que ella o ama e que nunca se desembaraçará delle.

— O que queres tu dizer com isso? perguntou Tristão, um tanto perturbado com estas ultimas palavras. Acreditas que se possa amar um homem daquelles?

— Com amor, não, respondeu Armando com um modo de zombeteira indifferença. Mas, emfim, o coitado não é tambem um monstro. E' moço, e não está mal de fortuna. Tem, como nós, um pequeno castello, alguns cães

e uma grande traquitana. Tem sobre qualquer outro, junto da marqueza, a incomparavel superioridade resultante de um habito de dez annos e de uma perseguição de todos os dias. Outro que venha, um official com licença, permitte-me que t'o diga baixinho, póde deslumbrar e agradar de passagem ; mas quem lá está todos os dias leva sempre a melhor.

Assim conversando, os dous irmãos tinham deixado para traz os bosques e começavam a entrar nas vinhas. Já avistavam no outeiro o campanario da aldeia de Renonval.

— A Sra. de Vernage, continuou Armando, tem bellas qualidades ; mas é uma namoradeira. Passa por devota, e tem um rosario bento pendurado ao

consolo ; mas gosta bastante de galanteios. Sem querer desgostar-te, digo-te que é, na minha opinião, uma mulher difficil de adivinhar-se e soffrivelmente perigosa.

— Isso é possivel, disse Tristão.

— E até provavel, accrescentou o irmão. Estimo que penses como eu, e de bom grado te direi por minha vez: Fallemos sériamente. Tenho tido desde muito occasião de conhecel-a e de estudal-a de perto. Tu apenas vens passar aqui alguns dias; és moço e bonito rapaz, ella é uma mulher bella e espirituosa; não sabes o que fazer, ella te agrada, isso mesmo lh'o dizes, e ella deixa que o digas. Eu, que a vejo de inverno como de estio, em Pariz, como no campo, confio menos, e ella

bem o sabe; por isso é que me toma o meu cavallo e deixa-me em companhia do cura. Os seus grandes olhos negros, que abaixa com uma modestia ás vezes tão severa, estou bem certo que sabem levantar-se para ti, quando corres na floresta, e devo convir que essa mulher possue grande encanto. Transtornou o juizo a tres ou quatro miseros rapazes meus conhecidos, que por pouco não perderam a razão; mas queres que te exprima o meu pensamento? Dir-te-hei, em estylo de Scudéry, que se penetra muito facilmente até á antecamara do seu coração, mas o aposento está sempre fechado, talvez porque não ha ninguem dentro,

— Si não estivesses enganado,

disse Tristão, seria esse um caracter bem vil.

— Não na sua propria opinião; o que têm a censurar-lhe? E' culpa sua si se apaixonam por ella? Posto que não tenha mais de trinta annos, diz a quem quer ouvir que renunciou, desde que enviuvou, aos prazeres do mundo, que quer viver em paz, na sua terra, montar a cavallo e orar a Deus. Dá esmolas e confessa-se; ora, toda a mulher que tem um confessor, e que não é sincera e verdadeiramente religiosa, é a peior casta de casquilha que a civilisação inventou. Uma tal mulher, confiada em si, bella ainda e gozando de bom grado dos pequeninos privilegios da belleza, sabe accommodar-se incessantemente, não com a sua

consciencia, mas com a sua proxima confissão. Nos proprios momentos em que parece render-se, com o mais gracioso abandono, aos galanteios que adora secretamente, repara si está com a ponta do pé sufficientemente occulta embaixo do vestido, e calcula o lugar em que póde deixar dar, sem peccado, um beijo na luva de renda. Para que, perguntarás tu? Si não tem fé, porque não ha de ser francamente namoradeira? Si, pelo contrario, crê, por que se ha de expôr á tentação? Por que a arrosta e se diverte com isso. E, realmente, não se póde dizer que seja sincera nem hypocrita; é assim e agrada; as suas victimas passam e desapparecem. La Bretonnière, o silencioso, ficará até á morte, mui pro-

vavelmente, no limiar do templo em que essa esphynge de olhos grandes dá oraculos e respira incenso.

Tristão, emquanto o irmão fallava, parára o cavallo. A grade do castello de Renonval estava apenas a uns cem passos de distancia. Diante da grade, como Armando previra, a Sra. de Vernage passeiava na relva; mas estava sósinha, contra o costume. A physiognomia de Tristão subitamente demudou-se.

— Escuta, Armando, disse, confesso-te que a amo. E's homem e tens coração; sabes tão bem como eu que diante da paixão não ha lei nem conselho. Não és o primeiro que me falla assim della; já me disseram tudo isso, mas eu não posso acreditar. Essa mu-

lher subjuga-me; é tão encantadora, tão amavel, tão seductora, quando quer...

— Bem o sei.

— Não, exclamou Tristão, não posso crêr que com tanta graça, tanta doçura, tanta piedade, porque emfim ella dá esmolas, como tu dizes, e cumpre os seus deveres, não posso, não quero crêr que com todas as apparencias da franqueza e da bondade, ella possa ser como tu a imaginas. Mas não importa; eu procurava um pretexto para deixar-te em caminho, e para ficar só; prefiro fiar-me na tua palavra. Eu vou a Renonval; tu volta para Clignets. Si nossa boa mãi se inquietar por não me vêr comtigo, dir-lhe-has que me extraviei na caçada,

que meu cavallo está doente, o que quizeres. Quero apenas fazer uma curta visita, e volto immediatamente.

— Porque então esse mysterio, si assim é?

— Porque a marqueza mesmo reconhece que assim é mais prudente. Os moradores daqui são falladores, parvos e importunos como tres lugares pequenos juntos. Segredo! Até logo.

Sem esperar resposta, Tristão partio a galope.

Ficando só, Armando mudou de caminho e tomou um atalho que o levava mais depressa á casa. Não era, como bem se imagina, sem desprazer, e até sem um como receio que via o irmão afastar se. Tenro em annos

mas amadurecido já por uma experiencia precoce do mundo, Armando de Berville, espirito ás vezes apparentemente leviano, tinha muito senso e razão. Ao passo que Tristão, official distincto no exercito, corria na Argelia as peripecias da guerra, e entregava-se ás vezes aos perigosos desvarios de uma imaginação viva e apaixonada, Armando ficava em casa e fazia companhia á velha mãi Tristão mettia ás vezes á bulha os seus habitos sedentarios, e chamava-o o Sr. abbade, dizendo que, si não fôra a revolução, elle se teria mettido frade, na sua qualidade de irmão mais moço; elle, porém, não se irritava com isso.

— Acceito o titulo, respondia, comtanto que tambem tenha o beneficio.

A baroneza de Berville, a mãi, viuva desde muito, habitava o Marais no inverno, e no verão a terra de Clignets. Não era uma casa bastante rica para sustentar grande luxo; mas, como os rapazes gostavam da caça, e a baroneza adorava os filhos, mandaram-se vir *foxhounds* da Inglaterra; alguns vizinhos imitaram o exemplo essas pequenas matilhas reunidas formavam o bastante para organizarem-se caçadas soffriveis nas mattas que cercavam a floresta de Carenelle. Assim se haviam estabelecido rapidamente, entre os habitantes de Clignets e os de dous ou tres castellos da vizinhança, relações amigaveis e quasi intimas.

A Sra. de Vernage, como se acaba

de ver, era a rainha do cantão. Desde o Sr. de Franconville e o magistrado de Beauvais, até ao elegante um tanto atrazado de Luzarches, todos prestavam homenagem á bella marqueza, sem se exceptuar o proprio cura de Noisy. Renonval era o ponto de reunião de todas as pessoas notaveis do districto de Pontoise. Todos eram unanimes em elogiar, como Tristão, a graça e a bondade da castellã. Ninguem resistia ao imperio soberano que ella exercia, como se costuma dizer, sobre os corações; e era precisamente por isso que Armando não gostava que o irmão não viesse cêar com elle.

Não lhe foi difficil achar um pretexto para justificar essa ausencia,

e dizer á baroneza, quando entrou, que Tristão parára em casa de um rendeiro, com o qual estava em negocio ácerca de um pedaço de terra. A Sra. de Berville, que só jantava ás nove horas, quando os filhos iam á caça, para tomar a sua refeição em familia, quiz esperar para sentar-se á mesa que o filho mais velho tivesse chegado. Armando, morto de fome e de sêde, como todo o caçador que desempenhou a sua missão, mostrou-se pouco satisfeito com a espera que lhe impunham. Receiava talvez, a parte todo o seu interesse individual, que a visita a Renonval não se prolongasse mais do que o promettido. Fosse como fosse, comeu um pouco por conta do jantar, para cobrar alguma paciencia,

depois foi visitar os seus cães e passar pela estribaria a vista de olhos do dono, e voltou a estender-se em um canapé, já meio adormecido pela fadiga do dia.

Cahira a noite, e o tempo tornara-se tempestuoso. A Sra. de Berville, sentada, como de costume, diante do seu trabalho de tapeçaria, olhava para o relogio, depois para a janella, onde escorria a chuva. Meia hora passou-se lentamente, e não tardou que viesse a inquietação.

— O que estará fazendo teu irmão? perguntou a baroneza; é impossivel que a estas horas e com um tempo destes demore-se tanto no caminho; talvez lhe tenha succedido algum accidente: vou mandar ao seu encontro.

— E' inutil, respondeu Armando;

juro-lhe que está tão bem como nós, e talvez melhor, porque, vendo esta chuva, sem duvida terá entrado para ceiar em alguma hospedaria de Noisy, emquanto estamos aqui a esperal-o.

A tormenta redobrava, passava-se o tempo; cançados de esperar, jantaram; mas o jantar foi triste e silencioso. Armando intimamente se exprobrava de deixar assim a mãi em uma incerteza cruel, e que lhe parecia inutil; mas tinha dado a sua palavra. Pelo seu lado, a Sra. de Berville via facilmente no semblante do filho, a inquietação que o agitava; não penetrava a causa, mas notava o effeito. Habituada a toda a ternura e até ás confidencias de Armando, comprehendia que si elle guardava silencio, era por-

que a isso era obrigado. Por que razão? Ignorava-o, mas respeitava essa reserva, não podendo ao mesmo tempo deixar de soffrer com ella. Levantava os olhos para elle com um modo timido e quasi supplice, depois escutava o rolar do trovão, e levantava os hombros suspirando. Tremiam-lhe as mãos, máu grado seu, com o esforço que fazia para mostrar-se tranquilla. A' proporção que se fazia mais tarde, Armando cada vez sentia-se com menos coragem de cumprir a sua promessa. Terminado o jantar, não ousava levantar-se; mãi e filho ficaram longo tempo a sós, apoiados na mesa, que já se tinha tirado, e comprehendendo-se sem abrirem os labios.

Pelas onze horas, tendo vindo a

criada grave da baroneza trazer os castiçaes, a Sra. de Berville deu boa noite ao filho, e retirou-se para o seu aposento para rezar as costumadas orações.

— O que estará realmente fazendo o estouvado rapaz? pensava comsigo Armando, alliviando-se, para deitar-se, do seu equipamento de caçador. Provavelmente, nada que possa causar muita inquietação. Deita olhares ternos á Sra. de Vernage, e supporta o silencio imponente de la Bretonnière. Será assim? Parece-me que a esta hora la Bretonnière deve estar no seu coche, em caminho para ir deitar-se. E' verdade que Tristão tambem já póde estar em caminho; duvido, entretanto; a estrada não está

boa, chove muito para montar-se a cavallo. Por outro lado, ha excellentes leitos em Renonval, e uma marqueza tão delicada póde certamente offerecer asylo a um capitão sorprendido pela tempestade. E' provavel, bem considerado tudo, que Tristão não volte sinão amanhã. Isso é máo, por duas razões: primeiro, porque inquieta nossa mãi, e depois porque sempre são cousas muito perigosas esses agasalhos em casa de uma vizinha; não ha peior conselheiro do que uma noite passada sob o tecto de uma mulher bella, e nunca dorme a gente bem em casa da mulher com quem sonha. A's vezes até não se dorme absolutamente nada. O que vai ser de Tristão si se deixa fascinar por essa casqui-

lha? Tem muito sentimento, tem-no por dous, mas tanto peior. Ella achará melhor contemporisar, muito melhor talvez, essa é a minha esperança. Dignar-se-ha de proceder falsamente para com um caracter tão leal. Mas, afinal de contas, dizia ainda comsigo Armando, apagando a vela, volte lá quando quizer, elle é bello e valente. Soube livrar-se dos apuros em Constantina; saberá tambem livrar-se em Renonval.

Havia muito já que repousava toda a casa, e que o silencio reinava no campo, quando se ouvio o tropel de um cavalleiro na estrada. Eram duas horas da manhã; uma voz imperiosa gritou que abrissem, e emquanto o pagem da estrebaria levantava pesa-

damente, uma depois da outra, as barras de ferro que trancavam o portão, os cães puzeram-se, como de costume, a latir. Armando, que dormia a bom dormir, acordando sobresaltado, vio subitamente diante de si o irmão com uma luz na mão e envolvido num manto gottejante de chuva.

— Voltas a estas horas? perguntou-lhe; é muito tarde, ou já muito cedo.

Tristão approximou-se delle, apertou-lhe a mão, e disse-lhe com uma voz de cólera quasi furiosa:

— Tinhas razão, é a ultima das mulheres, nunca mais em minha vida tornarei a vêl-a.

E sahio bruscamente.

II

Apezar de todas as perguntas, de todas as instancias de Armando, Tristão não quiz dar ao irmão nenhuma explicação das extranhas palavras que pronunciára ao voltar. No dia seguinte annunciou á mãi, que os seus negocios o obrigavam a ir a Pariz por alguns dias, e deu as suas ordens nessa conformidade; tinha tenção de partir nessa mesma tarde.

— E' preciso convir, disse-lhe Armando, que procedes commigo de um modo pouco cavalheiroso. Fazes-me meia confidencia, e vaes-te embora de um dia para outro, com o resto do teu segredo. O que queres tu que eu pense desta partida repentina.

— Pensa o que quizeres, respondeu Tristão com uma indifferença tão tranquilla, que parecia nada ter de simulado; o mais que te póde acontecer é perderes o teu tempo. Tive um movimento de colera, é certo, por uma ninharia, uma questiuncula de amor proprio, um enfado, como queiras. La Bretonnière aborreceu-me; a marqueza estava de má disposição; o temporal contrariou-me; voltei não sei por que razão, e fallei-te sem saber o que dizia. Concordarei, si assim o queres, que ha alguma frieza entre a marqueza e mim; mas, na primeira occasião, has de ver-nos amigos como dantes.

— Tudo isso é muito bonito de se dizer, tornou Armando, mas tu não

me fallavas hontem por enigma, quando me disseste: E' a ultima das mulheres. Olha que a má disposição só não dá para tanto. Aconteceu alguma cousa que me estás occultando.

— E o que queres tu que me tenha acontecido? perguntou Tristão.

Com esta pergunta, Armando abaixou a cabeça e conservou-se mudo, pois em taes circumstancias, desde que o irmão se calava, toda e qualquer supposição, ainda feita a gracejar, podia facilmente ser offensiva.

Pelo meio-dia, uma cabeça descoberta entrou no pateo de Clignets. Um homenzinho de máo aspecto, de modos contrafeitos e adomingueirados, desceu immediatamente do carro, abrio elle mesmo a portinhola e apre-

sentou a mão a uma alta e bella mulher, vestida simplesmente e com gosto. Era a Sra. de Vernage e la Bretonnière que vinham visitar a baroneza. Emquanto subiam a escada exterior, onde a Sra. de Berville veio recebel-os, Armando observou o semblante do irmão com alguma sorpreza e muita attenção. Mas Tristão olhou-o sorrindo, como que para dizer lhe:

— Estás vendo que não ha nada de novo.

Pelo modo facil por que correu a conversação, pelas cortezias indifferentes, mas sem constrangimento algum, que Tristão e a marqueza trocaram entre si, não parecia, realmente, que se houvesse passado qualquer cousa extraordinaria na vespera.

A marqueza trazia á Sra. de Berville, que gostava de passaros, um ninho de cardeaes; la Bretonnière trazia-o no chapéo. Desceu-se ao jardim e foi-se vêr o viveiro. La Bretonnière, já se vê, deu o braço á baroneza; os dous moços ficaram junto da Sra. de Vernage. Esta parecia mais alegre que de costume; andava ao acaso, de um para outro lado, sem respeitar as plantas da baroneza, e formando, de passagem, um ramalhete.

— Então, meus senhores, perguntou, quando vamos caçar?

Armando esperava esta pergunta para ouvir Tristão annunciar a sua partida. Elle annunciou-a effectivamente com a mais calma inflexão de voz; mas, ao mesmo tempo, fixou na

marqueza um olhar penetrante, quasi severo e offensivo. Ella não mostrou dar-lhe attenção alguma, e nem mesmo perguntou-lhe quando tencionava voltar.

— Nesse caso, accrescentou, Sr. Armando, o senhor será o unico representante dos Berville que teremos em Renonval; pois supponho que o teremos. La Bretonnière diz que descobrio, com os oculos do meu couteiro, uma especie de porco selvagem e muito barbado...

— Nada, acudio la Bretonnière, é uma especie de porca chineza, de côr preta, chamada tonkim. Quando esses animaes fogem de casa e habituam-se a viver no matto...

— Sim, disse a marqueza, tornam-

se ferozes, e, de tanto comerem bolota, crescem-lhes as presas até á ponta do focinho.

— E' assim mesmo, disse la Bretonnière, é verdade que não na primeira, nem mesmo na segunda geração; mas basta existir o facto, accrescentou satisfeita.

— De certo, continuou a Sra. de Vernage, e si désse na cabeça a um homem fazer como as Sras. tonkins, viver no matto, resultaria disso terem os seus netos pontas na cabeça. E isto prova, proseguio dando com o ramalhete na mão de Tristão, que é muito máo mostrar-se a gente selvagem: a ninguem fica bem.

— Tambem isto é verdade, disse la

Bretonnière, a selvageria é grande defeito.

— E' no entanto preferivel, respondeu Tristão, a certo genero de domesticidade.

La Bretonnière arregalou os olhos, não sabendo bem si devia zangar-se.

— Sim, disse a Sra. de Berville á marqueza, a senhora tem muita razão. Ralhe com este máo rapaz, que vive nas estradas, e que ainda quer deixar-nos esta tarde para ir a Pariz. Prohiba-lhe que parta.

A Sra. de Vernage, que havia pouco não proferira uma palavra para tentar reter Tristão, vendo-se assim rogada a fazel-o, para logo pôz nisso toda a insistencia e toda a graça de que era capaz. Tornou o seu olhar

mais meigo e o seu sorriso mais affavel, para dizer a Tristão que estava gracejando, que não tinha negocios em Pariz, que a curiosidade de uma caçada de tonkim devia vencer tudo o mais; que finalmente ella lhe pedia officialmente que fosse almoçar no dia seguinte a Renonval. Tristão respondia a cada um destes comprimentos com uma dessas corteziazinhas insignificantes, inventadas por quem não sabe o que dizer: era claro que lhe punham a paciencia a bem dura prova. A Sra. de Vernage não esperou a recusa com que contava, e, apenas acabou de fallar, voltou-se e tratou de outra cousa, exactamente como se repetira uma comedia e houvera acabado o seu papel.

— O que significa tudo isto: perguntava a si mesmo Armando. Quem odeia ao outro? Será meu irmão? Será la Bretonnière? Que vem aqui fazer a marqueza?

O comportamento da Sra. de Vernage era effectivamente difficil de comprehender-se. Ora mostrava a Tristão frieza e indifferença completas; ora parecia tratal-o com maior familiaridade e faceirice que de ordinario.—Quebre-me, ande, este ramo, dizia-lhe; vá apanhar uns lyrios. Tenho visitas esta noite, quero apresentar-me cheia de flores; vou pôr um vestido botanico, e plantar um jardim na cabeça.

Tristão obedecia: não tinha outro remedio. Dahi ha pouco estava a marqueza com um mólho de flôres, mas

nenhuma lhe agradava. — O senhor não entende disto, dizia, é pessimo jardineiro; quebra tudo, e suppõe fazer muito porque fere os dedos; mas não é isto, não sabe escolher.

Assim fallando, esfolhava os ramos, deixava-os depois cahir ao chão, e empurrava-os com o pé em caminho, com essa descuidosa indolencia que ás vezes faz tanto mal com a maior innocencia deste mundo.

Havia no meio do parque um regato com uma ponte de madeira já quebrada, mas de que restavam ainda algumas taboas. La Bretonnière, segundo a sua mania, declarou que havia perigo em passal-a, e que o melhor era voltar por outro caminho. A marqueza quiz passar, e começava a

adiantar-se, quando a baroneza observou-lhe que com effeito a ponte estava podre, e que se arriscava a uma quéda muito séria.

— Qual! disse a Sra. de Vernage. A senhora está calumniando as suas taboas para gabar a profundidade do seu regato; e si eu fizesse como Condé, como havia de ser?

Tendo de montar a cavallo na volta, tinha na mão uma vergasta. Atirou-a do outro lado da agua, em uma ilhota.

— Agora, meus senhores, disse, alli está o meu bastão no meio do inimigo. Qual dentre vós irá buscal-o?

— Que grande imprudencia! disse la Bretonnière; esta vergasta é muito bonita; tem um castão tão bem cinzelado!

— E haverá ao menos recompensa digna? perguntou Armando.

— Com effeito! exclamou a marqueza. Estão a regatear a gloria! E o senhor, Sr. hussard, accrescentou voltando-se para Tristão, o que diz? não passa?

Tristão parecia hesitar, não receiou do perigo ou do ridiculo, mas por um sentimento de repugancia ao vêr-se assim provocado por semelhante bagatella. Carregou o sobrolho e respondeu friamente:

— Não, minha senhora.

— Ah! disse a Sra. de Vernage, suspirando, si o meu querido Phanor aqui estivesse, já me houvera restituido a minha vergasta.

La Bretonnière, apalpando a ponte

com a bengala, contemplava-a com visos de profunda reflexão; apoiada negligentemente na trave partida que servia de corrimão, a marqueza divertia-se a fazer dobrarem-se as taboas, balouçando-se em cima da agua: de improviso correu, atravessou a ponte com vivacidade e presteza encantadoras, e pôz-se a correr na ilha. Armando havia querido precedel-a, mas o irmão tomou-lhe o braço, e pondo-se a andar a largos passos, levou-o comsigo para uma alameda; ahi, apenas os dous moços ficaram a sós:

— Estou perdendo a paciencia, disse Tristão. Creio que não me suppões tão tolo, que me enfade com um gracejo; mas este gracejo tem uma causa. Sabes o que ella vem fazer

aqui? Vem affrontar-me, zombar com a minha cólera, e ver até que ponto supportarei a sua audacia; sabe muito bem o que significa o seu frio motejo. Miseravel coração! Miseravel mulher, que, em vez de respeitar o meu silencio e me deixar ir em paz, vem aqui ostentar a sua mesquinha vaidade, e converter em um como triumpho para si uma discrição que não merece!

— Explica-te, disse Armando; o que ha?

— Tudo saberás, porque tambem és nisto interessado, pois és meu irmão. Hontem á tarde, quando conversavamos em caminho, e me dizias tanto mal desta mulher, apeei-me na encruzilhada das rochas. Havia no

chão um ramo de salgueiro, que me não viste apanhar; esse ramo de salgueiro fora a Sra. de Vernage que o enterrára na arêa, passeiando de manhã. Há pouco ria-se, fazendo-me quebrar outros das arvores; mas esse tinha uma significação; queria dizer que a aia e os filhos da marqueza tinham ido para casa de seu tio, em Beaumont, que la Bretonnière não viria jantar, e que si eu receiava despertar os famulos sahindo de Renonval um tanto mais tarde, podia deixar o cavallo em casa do bonacho de Héloy.

— Safa! disse Armando, tudo isso em um ramo de salgueiro?

— E' verdade, e aprouvesse a Deus que eu houvesse repellido com o pé

esse ramo de salgueiro como ella acaba de fazer com as nossas flôres; mas disse-t'o, e vistel-o com teus olhos, amava-a e era presa do encanto. Que extravagancia! E' verdade! ainda hontem adorava-a. Eu era todo amor, houvera dado o meu sangue por ella, e hoje...

— Pois bem! e hoje?

— Escuta; é preciso, para que me comprehendas, que primeiro conheças uma aventurasinha que tive o anno passado. Saberás que no baile da Opera encontrei uma como costureira, modista, não sei o que. Vim a conhecel-a por um acaso bastante singular. Estava sentada junto de mim e eu não lhe prestava attenção alguma, quando Saint-Aubin, que conheces, veio darme boas noites. Nesse momento a

minha visinha, como que assustada, occultou a cabeça por traz do meu hombro; disse-me ao ouvido que me supplicava que a tirasse de difficuldades e lhe desse o braço para percorrermos a sala; não podia recusar-me a isso. Levantei-me com ella e deixei Saint-Aubin. Nisto contou-me que era seu amante, que tinha medo delle, que era ciumento, em summa, que o evitava. Estava eu assim de improviso a desempenhar, aos olhos de Saint-Aubin, o papel de rival preferido; pois elle reconhecêra a sua costureira, e seguia-nos com aspecto descontente. Que te hei de dizer? Pareceu-me divertido tomar mais ou menos ao sério o papel que a occasião me offerecia. Levei a rapariga a ceiar. Saint-Aubin

no dia seguinte procurou-me e quiz zangar-se. Respondi-lhe com uma risada, e pouco me custou a chamal-o á razão. Concordou de boa mente que não era possivel cortar á gente o pescoço por amor de uma donzella que a um baile mascarado pedia refugio contra os zelos do amante. Tudo ficou em gracejo, e o negocio cahio no esquecimento; vês que o mal não é grande.

— Certamente que não; não ha nisso cousa de gravidade.

— Eis agora o que acontece. Saint-Aubin, como sabes, vê algumas vezes a Sra. de Vernage. Veio aqui e a Renonval. Ora, esta noite, justamente quando a marqueza, sentada junto de mim, ouvia com os seus modos de rai-

nha todas as loucuras que me passavam pela cabeça, e experimentava, a sorrir, este annel que, graças ao céu, está ainda no meu dedo, sabes o que se lembra de dizer-me? que essa historia do baile lhe foi contada, que a conhece de boa fonte, que Saint-Aubin adorava a costureira, que ficou desesperado por perdel-a, que se quiz vingar, que me pedio uma satisfação, que eu recuei, e que então...

Tristão não pôde acabar. Durante alguns minutos os dous irmãos caminharam em silencio.

— O que lhe respondeste? perguntou afinal Armando.

— Respondi-lhe uma cousa muito simples. Disse-lhe apenas: «Sra. marqueza, um homem que tolera que outro

homem levante para si a mão impunemente, é um cobarde, bem o sabe. Mas a mulher que, sabendo disso, ou acreditando-o, torna-se amante desse cobarde, tem tambem certo nome que é inutil dizer-lhe. » Nisto tomei o meu chapéo.

— E ella não te reteve?

— Com effeito quiz ao principio tomar as cousas em tom de galhofa, e dizer-me que eu me zangava por um dito aéreo. Depois pedio-me perdão de me haver offendido involuntariamente; não sei até si procurou chorar. A tudo isto nada respondi, a não ser que nenhuma importancia ligava a uma indignidade que não me podia alcançar, que podia acreditar ou pensar o que lhe aprouvesse, e que eu não me daria

ao menor trabalho para modificar-lhe a opinião. Sou, disse-lhe, soldado ha dez annos, os camaradas que me conhecem teriam alguma difficuldade em admittir a sua historia, e conseguintemente não me occupo com ella sinão quanto é bastante para lançal-a ao desprezo.

— E' isso realmente o que pensas?

— Pódes imaginal-o? Si me fosse possivel hesitar em saber o que devo fazer, seria precisamente porque sou soldado que eu não teria dous partidos a seguir. Queres que eu deixe uma mulher sem coração gracejar com a minha honra, e repetir amanhã essa miseravel historia álguma casquilha da sua laia, ou álgum desses rapazolas a quem dizes que ella vira a

cabeça? Suppões que o meu nome, o teu, o de nossa mãi, possa tornar-se assumpto de mófa? Senhor Deus! isto faz estremecer!

— E' verdade, disse Armando, e eis no entanto os colloquiozinhos engraçados que inventam estas senhoras por desenfado. Fazer de uma ninharia um romance bem negro, bem escandaloso, eis o divertimento dessas cabeças ôcas. Mas o que pretendes agora fazer?

— Pretendo ir esta noite a Pariz. Saint-Aubin tambem é soldado; é um homem valente; estou longe de suppôr, livre-me Deus! que a menor palavra sua tenha engendrado essa fabula fabricada por alguma creada; mas o que é fóra de duvida, é que o

trarei comigo, e ser-lhe-ha tão facil a elle dizer bem alto a verdade, quanto me será a mim ouvil-a. E' sem duvida um passo incommodo, difficil, o que tenho de dar; é bem triste ir procurar um camarada, e dizer-lhe: Accusam-me de falta de valor. Mas não importa, em semelhantes circumstancias, tudo é justo e deve ser permettido. Repito-o, é o nosso nome que defendo, e si elle não tivesse de sahir disto puro como o ouro, a mim proprio arrancaria a cruz que trago ao peito. E preciso que a marqueza ouça Saint-Aubin dizer-lhe em minha presença, que lhe contaram uma historia bem tola, e que aquelles que a forjaram, mentiram. Mas uma vez dada esta explicação, é preciso que a marqueza

me ouça tambem por minha vez; é preciso que eu lhe dê muito discretamente, em termos muito polidos, em conversação intima, uma lição que ella não esqueça mais; quero ter o pequenino prazer de lhe exprimir claramente o que penso ácerca do seu orgulho e do seu ridiculo recato. Não pretendo fazer como Bussy d'Amboise, que, depois de haver exposto a vida para ir buscar o ramalhete da amante, atirou-lh'o á cara: procederei mais civilmente; mas quando uma boa palavra produz o seu effeito, pouco importa como é dita, e asseguro-te que ao menos por algum tempo a marqueza ha de ser menos altiva, menos casquilha e menos hypocrita.

— Vamos reunir-nos aos mais, disse

Armando, e esta noite irei comtigo. Excusado é dizer que te deixarei dar conta da mão sósinho ; mas, si me dás licença, ficarei nos bastidores.

A marqueza dispunha-se a voltar para casa quando os dous irmãos tornaram a apparecer. Ella suppunha muito provavelmente haver entrado na conversação delles, mas não o dava a entender pelo semblante ; ao contrario, nunca parecêra mais calma e mais contente comsigo mesmo. Como já ficou dito, voltava para casa a cavallo. Tristão, fazendo as honras da casa, approximou-se para tomar-lhe o pé e pol-a na sella. Tendo andado sobre a areia molhada, estava com o borzeguim humido, de fórma que a marca ficou impressa na luva de Tristão. Ape-

nas a Sra. de Vernage sahio, Tristão tirou a luva e lançou-a fóra :

— Hontem tê-la-hia beijado, disse ao irmão.

A' tarde os dous moços tomaram juntos a mala-posta, e foram dormir a Pariz. A Sra. de Berville, sempre inquieta e sempre indulgente, como verdadeira mãi que era, simulou acreditar nas razões que disseram ter para essa viagem.

Na manhã do dia seguinte, como é facil imaginar, o seu primeiro cuidado foi procurarem o Sr. de Saint-Aubin, capitão de dragões, rua Nova Santo Agostinho, na casa em que habitualmente se alojava quando estava com licença.

— Deus queira que o achemos! di-

zia Armando. Está talvez de guarnição bem longe.

— Embora esteja em Argel, respondia Tristão, é necessario que falle, ou ao menos que escreva; gastarei seis mezes, si preciso fôr, mas hei de encontral-o ou dir-me-ha porque o não vejo.

O creado da casa era um inglez, cousa muito commoda talvez para os subditos da rainha Victoria curiosos ds visitar Pariz, mas muito aborrecida para os parizienses. A' primeira palavra de Tristão, respondeu com a exclamação mais britannica:

— Oh!

— Ainda mais essa, disse Armando, mais impaciente que o irmão; mas o Sr. de Saint-Aubin está em casa?

— Oh ! no.
— Não é nesta casa que elle mora?
— Oh ! yes.
— Então sahio ?
— Oh ! no !
— Explique-se. Póde-se-lhe fallar?
— No, sir, impossivel.
— Impossivel porque ?
— Porque elle estar... Como diz ?
— Está doente ?
— Oh ! no, estar morto.

III

Fôra difficil pintar a como consternação em que ficaram Tristão e o irmão ao saberem da morte do homem que tanto desejo tinham de encontrar. A morte, digam o que disserem,

nunca é cousa indifferente. A gente não a affronta sem valor, sem horror não a vê, e póde-se até dizer que nem uma gorda herança torna realmente agradavel o seu terrifico aspecto, na occasião em que ella se apresenta. Mas quando de improviso nos rouba algum bem ou alguma esperança, quando se intromette em nossos negocios e nos arranca das mãos o que suppunhamos muito nosso, é então principalmente que conhecemos o seu poder, e que o homem fica mudo diante do silencio eterno.

Saint-Aubin havia sido morto na Argelia, em uma razzia. Depois de pedirem á gente da casa que lhes contassem como pudessem os pormenores do acontecimento, os dous ir-

mãos tornaram a tomar tristemente o caminho da casa que habitavam em Pariz.

— O que hei de agora fazer ? perguntou Tristão ; suppunha, para tirar-me de difficuldades, não ter mais do que dirigir uma palavra a um homem de bem, e elle já não existe. Misero rapaz ! tenho pena de que um motivo de interesse pessoal tenha uma parte na tristeza que me causa a sua morte. Era um valente e digno official ; acampamos na mesma barraca e bebemos juntos. Ide lá ter trinta annos, uma vida sem mácula, uma boa cabeça e uma espada ao lado, para se fazer assassinar por um beduino de emboscada ! Está tudo acabado, em mais nada penso, não quero occupar-

me com essa historia quando tenho de chorar a perda de um amigo. Digam todas as marquezas do mundo o que bem lhes approuver.

— Teu pezar é justo, respondeu Armando; condivido-o e respeito-o; mas, embora lamentando a morte de um amigo e desprezando uma casquilha, cumpre no entanto nada esquecer! A sociedade ahi está com as suas leis, e não vê nem o teu desdem nem as tuas lagrimas; é preciso responder-lhe na linguagem della, ou pelo menos obrigal-a a calar-se.

— E o que queres tu que eu engendre? Onde queres que eu ache uma testemunha, uma prova qualquer, um ente ou uma cousa que possa fallar por mim? Comprehendes

bem que Saint-Aubin, quando me veio procurar para explicar-se como cavalheiro ácerca de uma aventura de costureira, não havia de trazer comsigo o regimento inteiro. As cousas passaram-se confidencialmente; si se tornassem sérias, então certamente ahi estariam as testemunhas; mas trocámos um aperto de mãos e almoçámos juntos; não tinhamos que convidar pessoa alguma.

— Mas não é possivel, continuou Armando, que essa como contenda e reconciliação tenha ficado completamente secreta. Alguns amigos communs devem ter sabido do facto. Recorda-te, procura na tua lembrança.

— E de que serviria isso? ainda quando, procurando bem, eu pudesse

encontrar alguem que se lembrasse dessa velha historia, queres que eu vá pedir assim, a qualquer, um como attestado de que não sou poltrão? Com Saint-Aubin eu podia proceder sem receio; a um amigo pede-se tudo. Mas que papel faria eu agora indo dizer álguns dos nossos camaradas: Lembra-se de uma rapariga, de um baile, de uma disputa do anno passado? Zombariam commigo, e teriam razão.

— E' verdade; e no entanto é triste deixar uma mulher, e uma mulher' orgulhosa, vingativa e offendida, proferir impunemente taes malevolencias.

— Sim, é triste, mais do que parece. A um insulto feito por um ho-

mem responde-se com uma estocada. De qualquer injuria, publica ou não.... ainda que seja impressa, póde-se a gente defender; mas que recurso se tem contra a calumnia surda, repetida na sombra, em voz baixa, por uma mulher malfazeja que nos quer prejudicar? Essa é a victoria da baixeza. E' assim que semelhante creatura, com toda a perfidia da mentira, com toda a segurança da impudencia, nos assassina a alfinetadas; é assim que ella mente com todo o orgulho, todo o jubilo da fraqueza que se vinga; é assim que ella insinúa á vontade, nos ouvidos de algum parvo a quem affaga, infamia estudada, revista e augmentada pelo autor; e a infamia vai seu caminho, é repetida, é commen-

tada, e a honra, a fortuna do soldado, a herança dos avós, o patrimonio dos filhos, são postos em duvida por causa de semelhante miseria!

Tristão pareceu reflectir durante algum tempo, depois accrescentou em tom meio sério, meio zombeteiro:

— Tenho vontade de bater-me em duello com la Bretonnière.

— Com que pretexto? perguntou Armando que não pôde deixar de rir-se. O que te fez esse coitado no meio de tudo isto?

— O que me fez é que é muito possivel que esteja ao facto dos meus negocios. E' muito do numero dos iniciados, e soffrivelmente curioso por natureza; não me admiraria muito

que a marqueza o tomasse por confidente.

— Confessarás ao menos que não é culpa sua si lhe contaram uma historia, e que não é por isso responsavel.

— Ora! e si se constitue della editor? Esse homem, que não passa da mosca do coche, tem cem vezes mais ciume da Sra. de Vernage que si fosse seu marido; e, suppondo que ella lhe narre esse bello romance de que sou o pretendido heroe, acreditas que elle se divirta em guardar segredo?

— Pois bem, mas ainda assim fôra preciso estar primeiro certo de que elle falla disso, e ainda neste caso não vejo que seja justo contender com um individuo, só porque repete o que

ouvio dizer. Demais que gloria haveria em metter medo a la Bretonnière? E' quasi certo que não acceitaria o duello, e, francamente, estaria no seu direito.

— Havia de acceitar. Esse individuo incommoda-me; é fastidioso, é de mais no mundo.

— Realmente, meu caro Tristão, fallas como homem que não sabe a que se apegar. Não dir-se-hia, ao ouvir-te que procuras uma questão de honra para restabelecer a tua reputação, ou que tens necessidade de um gilvaz para mostral-o á tua amante, como um estudante allemão?

— Mas é que tambem me acho em uma posição verdadeiramente intoleravel. Accusam-me, deshonram-me, e

não tenho um meio de vingar-me ! Si eu acreditasse realmente...

Os dous moços passavam nesse momento pelo boulevard por diante da loja de um joalheiro. Tristão parou de novo de repente para vêr um bracelete exposto na vidraça.

— Eis uma cousa singular, disse.

— O que é? queres tambem bater-te em duello com a rapariga do balcão ?

— Não, mas tu me aconselhavas que procurasse na minha lembrança. Eis aqui uma que me occorre. Estás vendo este bracelete de ouro que afinal nada tem de maravilhoso : uma cobra com duas turquezas. Na occasião da minha contenda com Saint-Aubin, elle acabava de encommendar em casa deste mesmo mercador, nesta

loja, um bracelete como este, o qual bracelete era destinado á costureira de que se tratava e que quasi nos malquistára um com o outro; quando, terminada a nossa disputa, acabámos de almoçar juntos : « Com os seiscentos ! disse-me elle a rir, acabas de roubar-me a rainha dos meus pensamentos na occasião em que me dispunha a dar-lhe um mimo; era um pequeno bracelete com o meu nome gravado pela parte interna ; mas, por vida minha, que o não terá. Si queres dar-lh'o, cedo-t'o ; já que és o preferido, é justo que pagues o presente. —Façamos outra melhor, respondi; repartamos a despeza do mimo que pretendias dar-lhe.

— Tens razão, continuou ; meu nome já está no bracelete, é preciso

nelle gravar tambem o teu, e, como prova de boa amizade, mandaremos pôr tambem a data. » Assim se disse, e assim se fez. A data e os dous nomes, abertos no bracelete, foram mandados á rapariga, e devem actualmente existir em alguma parte em poder de Javotte (é o nome da nossa heroina), a menos que o não haja vendido para ir jantar.

— Excellente! exclamou Armando; a prova que procuravas, achamol-a. Agora é preciso que o bracelete torne a apparecer. E' preciso que a marqueza veja as duas assignaturas, e a data bem clara. E' preciso, em caso de necessidade, que a propria Javotte dê testemunho da verdade e da identidade da cousa. Não será bastante

para provar claramente que nada de serio se passou entre Saint-Aubin e ti? E' fóra de duvida que dous amigos que, para se divertirem, fazem semelhante presente á mulher que um ao outro disputam, não estão lá muito encolerisados um contra o outro, e torna-se então evidente...

— Sim, está tudo muito bom, disse Tristão; tua cabeça vai mais depressa que a minha; mas para executar esta grande empreza, não vês que antes de tornar a encontrar esse bracelete tão precioso, fôra necessario começar por tornar a encontrar Javotte? Infelizmente estas duas descobertas parecem igualmente difficeis. Si, de uma parte, a mocinha é sujeita a perder a sua fatiota, é capaz, por outra parte, de se

perder a si mesma. Procurar, depois do intervallo de um anno, uma costureira perdida nas calçadas de Pariz, e na gaveta dessa costureira uma prenda de amor fabricada de metal, cousa é esta que me parece acima do poder humano; é um sonho impossivel de realizar.

— Porque? retrucou Armando; tentemos sempre. Vê como o acaso por si mesmo já te está fornecendo a indicação de que carecias: havias esquecido este bracelete; põe-t'o quasi diante dos olhos, ou pelo menos lembra-t'o. Procuravas um testemunho, eil-o, é irrecusavel; este bracelete diz tudo, tua amizade por Saint-Aubin, a estima delle por ti, a pouca gravidade do negocio. A Fortuna é mulher,

meu caro; quando ella facilita as cousas, cumpre aproveitar. Trata disto, não tens sinão este meio de impôr silencio á Sra. de Vernage; a menina Javotte e a sua cobrasinha azul são o teu só e unico recurso. Pariz é grande, é verdade, mas temos tempo. Não o desperdicemos; e primeiro que tudo, onde morava outr'ora essa rapariga?

— Para dizer-te a verdade, já não sei; era, creio, em uma passagem, uma como *square*, no centro da cidade.

— Entremos neste joalheiro, e perguntemos. Os mercadores têm ás vezes uma memoria incrivel; lembram-se das pessoas passados annos, principalmente daquellas que não lhes pagam muito bem.

Tristão deixou-se guiar pelo irmão;

entraram ambos na loja. Não era cousa facil lembrar ao mercador um objecto de pouco valor, comprado em casa delle havia tanto tempo. Não o tinha no entanto esquecido, por amor da singularidade dos dous nomes reunidos:

— Recordo-me effectivamente, disse, de um pequeno bracelete que dous moços me encommendaram no inverno passado, e reconheço bem o senhor. Mas quanto a saber para onde o bracelete foi levado e a quem, nada posso dizer.

— Foi a uma moça chamada Javotte, disse Armando, que morava em uma passagem.

— Esperem, disse o joalheiro. Abrio o seu livro de assentos, folheou-o, re-

flectio, consultou com os seus botões, e disse afinal : « E' isto mesmo ; mas não é o nome de Javotte que acho no meu livro. E' o nome da Sra. de Monval, quarteirão Bergère, n. 4. »

— Tem razão, disse Tristão, assim queria que a chamassem ; este nome de Monval havia-me fugido da cabeça ; talvez tivesse o direito de usar delle, pois o de Javotte creio que não passava de uma alcunha. Trabalha ainda algumas vezes para ella ? Comprou-lhe outra cousa ?

— Não, senhor ; vendeu-me, ao contrario, uma cadeia de prata quebrada que possuia.

— Mas o bracelete não ?

— Não, senhor.

— Contentemo-nos com Monval, disse Armando ; muito obrigado, senhor. E agora a caminho para o quarteirão Bergère.

— Supponho, disse Tristão deixando o joalheiro, que seria acertado tomarmos um carro. Tenho meus receios de que a Sra. de Monval tenha mudado muitas vezes de domicilio e que a nossa caminhada seja comprida.

Esta previsão era fundada. A porteira do quarteirão Bergère disse aos dous irmãos que a Sra. de Monval se mudára havia muito tempo, que se chamava agora Mlle. Durand, costureira de vestidos, e que morava á rua Saint-Jacques.

— Terá ella dinheiro ? terá com que viver ? perguntou Armando, perse-

guido pelo receio de que houvesse vendido o bracelete.

— Oh ! com certeza, senhor, faz muita despeza ; tinha aqui um aposento completo, moveis de acajú e todo um apparelho de cozinha. Via muitos militares, pessoas todas condecoradas e de muito boa sociedade. Dava ás vezes muito bonitos jantares mandados vir do café Vachette. Todos esses senhores eram muito folgazões, e havia um que possuia uma voz muito bella ; cantava como um verdadeiro artista da academia. Demais, senhor, nunca houve o que dizer da Sra. de Monval. Estudava tambem para ser artista ; era eu quem lhe tratava da casa, e ella sempre sahia bem paramentada.

— Muito bem, disse Armando; vamos á rua Saint-Jacques.

— Mlle. Durand já não mora aqui, respondeu a segunda porteira, ha seis mezes que se mudou, e não sabemos lá muito bem onde está. Não deve ser em nenhum palacio, porque não foi de carro, e não levou comsigo grande cousa.

— Então passava vida desgraçada?

— Oh! Deus meu, bem triste. Não estava bem de fortuna. Morava alli no fundo da alameda, sobre o pateo, por traz da fructeira. Trabalhava todo o santo dia; ganhava pouco e soffria muito. Ia ao mercado de manhã, e cozia ella mesmo a sua sôpa em um fogareiro que tinha. Não se póde dizer que não fosse cuidadosa, mas o quarto

della cheirava sempre a couves. Uma senhora de luto aqui veio, uma tia della, e levou-a ; suppômos que entrou para as irmãs do Bom Pastor. A dona da loja de roupa branca da esquina ha de contar-lhes talvez isto ; era quem a empregava.

— Vamos á loja da esquina, disse Armando ; mas as couves são de máo agouro.

A terceira informação obtida ácerca de Javotte não foi a principio mais satisfactoria que as duas primeiras. Mediante pequena quantia que a familia achára meio de lhe fornecer, entrára com effeito para o convento das irmãs do Bom Pastor, e nelle passára cerca de tres mezes. Como procedia bem, a protecção de algumas pessoas

caritativas fizera com que a recebessem as irmãs, que lhe mostravam muita bondade e que só tinham a se lisongear da sua obediencia.

— Infelizmente, dizia a mercadora, essa coitada tem uma cabeça tão quente que não póde parar em um lugar. Era grande favor para ella ter sido acceita como pensionista pelas religiosas. Todos diziam bem della, e desempenhava regularmente os seus deveres de religião, ao mesmo tempo que trabalhava muito bem, pois é excellente operaria. Mas de repente desnorteou e pedio para se ir embora. Bem vê, senhor, que neste tempo um convento não é uma prisão; abriram-lhe as portas, e ella vôou.

— E não sabe o que é della ?

— Não sei lá muito bem, respondeu rindo-se a mercadora. Ha uma das minhas raparigas que tornou a encontral-a no Ranelagh. Chama-se agora Amelina Rosenval. Creio que mora na rua de Bréda, e que é comparsa no Folies-Dramatiques.

Tristão começava a desanimar.

— Demos de mão a tudo isto, disse ao irmão. Pelo geito que as cousas tomam, não acabaremos com isto. Quem sabe si Mlle. Durand, a Sra. de Monval, a Sra. Rosenval, não está na China ou em Quimper-Corentin ?

— Vamos lá vêr, dizia sempre Armando. Já temos feito muito para agora pararmos. Quem nos diz que não estamos agora a ponto de descobrir a nossa viajante ? Operaria ou

artista, monja ou comparsa, hei de encontral-a. Não façamos como aquelle que apostára atravessar descalço uma lagôa gelada no mez de Janeiro, e que, chegando á metade do caminho, achou que estava muito frio e arripiou carreira.

Desta vez Armando tinha razão. A Sra. de Rosenval em carne e osso foi descoberta na rua de Bréda; mas em sua nova moradia já se não tratava de convento, de couves, ou do Ranelagh. De comparsa que fôra, a Sra. de Rosenval tornara-se de improviso, por graça do acaso e de um antigo prefeito, pessoa importante e protector das artes, *prima donna* de um theatro de provincia. Morava, havia algum tempo, em uma cidade bem grande do

meio-dia da França, onde o seu talento, recentemente descoberto, mas generosamente acoroçoado, fazia as delicias dos conhecedores do lugar e a admiração da guarnição. Achava-se de passagem em Pariz, para obter, si fosse possivel, um contrato na capital. Disseram aos dous moços, é verdade, que não sabiam si elles podiam ser recebidos ; mas foram introduzidos por uma criada grave em um aposento muito rico, de gosto pouco severo, ornado de estatuetas, de espelhos e de figuras de cartão, pouco mais ou menos como um café. A dona da casa se estava vestindo; mandou dizer que esperassem, que já vinha fallar ao Sr. de Berville.

— Agora deixo-te, disse Armando

ao irmão ; vês que chegamos ao cabo da nossa empreza. A ti cabe fazer o resto ; resolve a Sra. de Rosenval a restituir-te o bracelete ; que o acompanhe com algumas palavras de seu punho que dê mais peso á restituição ; volta armado com essa prova authentica, e motejemos da marqueza.

A estas palavras Armando sahio, e Tristão ficou só a passeiar no sumptuoso salão de Javotte. Estava ahi havia um quarto de hora quando abrio-se a porta da camara de dormir. Um sujeito gordo e alto, com andar grave, cabellos grisalhos, oculos, cadeia, luneta e dixes no relogio, tudo de ouro, adiantou-se com aspecto affavel e magestoso :

— Senhor, disse a Tristão, dizem-

me que o senhor é parente da Sra. Rosenval. Si quer ter a bondade de entrar, ella o espera no gabinete.

Comprimentou com ligeira inclinação de cabeça e retirou-se.

— Salta ! disse comsigo Tristão, parece que Javotte tem agora melhor companhia que na alameda da rua Saint-Jacques.

Erguendo um reposteiro de seda agaloado, que lhe havia indicado o individuo dos oculos de ouro, penetrou em um gabinete forrado de cassa côr de rosa, onde a Sra. de Rosenval, estendida em um canapé, acolheu-o com indolencia. Como nunca se torna a vêr sem prazer a mulher a quem se amou, embora seja uma Amelina, ou até uma Javotte, principalmente quando se tem

tanto trabalho em procural-a, Tristão beijou com açodamento a mão alvissima de sua antiga conquista, depois tomou lugar junto della, e começou, como devia, por lhe fazer seus comprimentos dizendo-lhe que achava-a mais bella, que a tornava a vêr mais encantadora que nunca, etc... « cousas todas essas que a gente diz a toda mulher que se torna a vêr, embora se haja tornado mas feia que um peccado mortal. »

— Consinta, minha querida, accrescentou, que a felicite pela feliz mudança que me parece haver-se operado nos seus negocios domesticos. Está aqui accommodada como um fidalgo.

— Então o senhor continúa sempre

a debicar com a gente, Sr. de Berville ? respondeu Javotte ; tudo isto é muito simples ; não passa de uma residencia transitoria, estou, porém, mandando fazer alguma cousa mais onde móro, pois sabe que me empoleirei muito alto.

— Sim, soube que entrou para o theatro.

— Por vida minha que sim, resolvi-me. Sabe que a musica transcendente, a musica séria, foi sempre a minha preocupação. O Sr. barão, que o senhor acaba de vêr, creio eu, sahindo daqui, e que é um dos meus bons amigos, perseguio-me para que eu assignasse um contracto. O que quer? deixei que o fizessem. Representamos tudo, drama, vaudeville, opera.

—Disseram-me isso, continuou Tristão, mas tenho de fallar-lhe de um negocio bastante sério, e como o seu tempo deve ser preciso, consinta que me dê pressa em me aproveitar da occasião que tenho de lhe fazer minha confidencia. Lembra-se de certo bracelete...

Emquanto fallava, Tristão distrahidamente lançou os olhos para cima da lareira; a primeira cousa que notou foi o cartão de visita de la Bretonnière, preso no espelho.

— Conhece aquelle senhor? perguntou com sorpreza.

—Conheço; é um amigo do barão; vejo-o de tempos a tempos, e até supponho que hoje janta comnosco. Mas, por favor, continue, peço-lhe, estou a ouvil-o.

IV

O philosopho ou o psychologo, como se diz, poderia talvez fazer curioso estudo acerca do capitulo das distracções. Imaginai um homem que está para fallar de cousas que muito o interessam á pessoa de quem tem mais a temer ou a esperar, a um advogado, a uma mulher ou a um ministro. Que gráo de influencia exercerá sobre elle um alfinete que o espeta no meio do discurso, uma casa de botão que se rompe, um vizinho que se põe a tocar flauta? O que fará um actor que, ao recitar um trecho enthusiastico, percebe de repente um de seus credores na sala? Até que ponto, em summa, se póde fallar de uma cousa e ao mesmo tempo pensar em outra?

Tristão achava-se pouco mais ou

menos em uma posição deste genero. Demais, como dissera, o tempo urgia; o homem dos oculos de ouro podia tornar a entrar a todo o momento. De outra parte, nos ouvidos da mulher que nos ouve ha uma mosca que é preciso apanhar no ar; apenas já não é muito cedo com ella, quasi sempre é muito tarde. Tristão ligava demasiado valor ao que vinha pedir a Javotte para não empregar toda a sua eloquencia. Quanto mais singular e extraordinario podia parecer o passo que dava, tanto mais conhecia a necessidade de terminal-o promptamente. Mas, de outra parte, tinha diante dos olhos o cartão de la Bretonnière, não podia despregar delle o olhar; e, ao passo que proseguia no assumpto da visita, repetia a

si mesmo: pois hei de encontrar este homem em toda a parte?

— Em summa, o que deseja? perguntou Javotte. Está distrahido como um poeta que vai dar á luz.

Deve-se dizer de passagem que Tristão não queria fallar do seu motivo secreto, nem pronunciar o nome da marqueza.

— Nada lhe posso explicar, respondeu. Apenas posso lhe dizer uma cousa, e é que me fará immenso favor restituindo-me o bracelete que Saint-Aubin e eu lhe demos, si pára ainda em sua mão.

— Mas o que quer o senhor fazer delle.

— Nada que a deva inquietar; dou-lhe a minha palavra.

— Acredito. Berville, o senhor é homem de bem. O diabo me carregue si não acredito.

(A Sra. Rosenval, no meio da sua nova grandeza, conservára algumas expressões que cheiravam ainda um tanto ás couves.)

— Muito me lisongeia, disse Tristão, que a senhora guarde de mim tão boa lembrança; não esquece os seus amigos.

— Esquecer os meus amigos! nunca. O senhor conheceu-me quando eu não tinha um real, de boamente o confesso. Possuia dous pares de meias abertas que se succediam um ao outro, e comia a minha sopa com uma colher de páo. Agora janto em prata massiça com um lacaio atraz e muitos perús

por diante; mas o meu coração é sempre o mesmo. Quer que lhe diga? no nosso tempo divertiamo-nos com qualquer cousa. Agora aborreço-me como um rei. Lembra-se daquelle dia... em Montmorency... Não, não era o senhor, estou confundindo; mas não importa, era encantador. Ah! que bellas cerejas! e aquellas costeletas de vitela que comemos em casa do pai Duval, no Chateau de la Chasse, emquanto o gallo velho, o coitado do Cócó, beliscava o pão em cima da mesa! Houve no entanto dous inglezes bastante estupidos que deram aguardente a beber ao misero animal, com o que morreu. Soube disto?

Quando Javotte assim fallava quasi naturalmente, fazia-o com extrema

volubilidade; mas quando lhe voltava o sestro da grandeza, punha-se de improviso a escandir as phrases com ares de scisma e distracção.

— Realmente, continuou com voz de duqueza indefluxada, recordo-me sempre com prazer de tudo quanto se prende ao passado.

— Muito bem, minha chara Amelina; mas pelo amor de Deus responda ás minhas perguntas. Conservou o bracelete?

— Que bracelete, Berville? o que quer dizer?

— O bracelete que lhe estou pedindo, e que Saint-Aubin e eu lhe demos.

— E então! tornar a pedir um

mimo ! é bem pouco cortez, meu charo.

— Não se trata aqui de cortezia. Já lhe disse, trata-se de um serviço muito importante que a senhora me póde prestar. Reflicta, peço-lhe, e responda-me seriamente. Si é apenas o bracelete que a prende, comprometto-me de muito boa vontade a pôr-lhe outro em cada braço, em troca do que careço.

— E' muita cortezia de sua parte.

— Não é muita cortezia, é cousa muito simples. Agora só lhe fallo no meu interesse.

— Mas antes de tudo, disse Javotte, levantando-se e movendo o leque, era preciso saber, como eu lhe dizia, o que faria o senhor desse bracelete. Não me

posso fiar em um homem que tambem não tem confiança em mim. Ora vamos a vêr, conte-me alguma cousa dos seus negocios. Anda nisto alguma mulher, alguma trapaça. Olhe, sou capaz de apostar que é alguma antiga amante sua ou de Saint-Aubin, que me quer despojar dos meus utensilios de casa. Ha algum arrufo, algum ciume, algum dito imprudente ; vamos, falle.

— Si é absolutamente necessario dizer-lhe o que a isto me impelle, respondeu Tristão, querendo desembaraçar-se de taes inquirições, a verdade é que Saint-Aubin morreu ; eramos muito unidos, bem sabe, e eu desejava guardar este bracelete em que os nossos dous nomes estão inscriptos juntos.

— Ora! que historia está ahi arranjando! Saint-Aubin morreu? Quando?

— Morreu na Africa ha pouco tempo.

—Morreu? Coitado! tambem eu o amava bastante. Era um excellente coração, e recordo-me de que outr'ora elle chamava-me a sua belleza côr de rosa. « Eis a minha belleza côr de rosa », dizia : acho este nome tão lindo. Lembra-se como esteve engraçado em um dia que passamos em Ermenonville, e que haviamos quebrado tudo na hospedaria ? Não havia ficado inteiro nem um prato. Tinhamos atirado as cadeiras pelas janellas fóra, partindo as vidraças, e no dia seguinte de manhã chega justamente uma ex-

tensa familia de excellentes provincianos que vinham visitar a natureza. Não havia nem uma chicara para dar-lhes o café com leite.

—Cabecinha douda! disse Tristão; não póde, ao menos uma vez por acaso, prestar attenção ao que lhe dizem? Tem ou não tem o meu bracelete?

—Eu lá sei! Nem gosto de perguntas á queima roupa.

—Mas deve ter, creio, algum cofre, gaveta, ou qualquer lugar, onde guarde as joias? Abra-me essa gaveta ou esse cofre; não lhe peço mais.

Javotte pareceu reflectir, tornou a sentar-se junto de Tristão, e tomou-lhe a mão:

—Escute, disse, vê bem que si este bracelete lhe é necessario, não ligo im-

portancia a semelhante bagatella. Tenho-lhe avisado, Berville; nada ha que eu não faça para obsequial-o. Mas comprehende tambem que a minha posição impõe deveres. E' possivel que, de um dia para outro, eu entre para a Opera, para os córos. O Sr. barão prometteu-me envidar para isso toda a sua influencia. Um antigo prefeito como elle tem imperio sobre os ministros, e o Sr. de la Bretonnière pela sua parte...

—La Bretonnière! exclamou Tristão impaciente, e que demonio vem elle aqui fazer? Parece que acha meio de estar ao mesmo tempo em Pariz e no campo. Lá não nos deixa, e venho encontral-o em sua casa!

— Digo-lhe que é um amigo do

barão. O Sr. de la Bretonnière é um homem muito distincto. E' certo que tem uma casa de campo perto da sua, e que vai muitas vezes á casa de uma pessoa que o senhor conhece provavelmente, uma marqueza, uma condessa, já nem lhe sei o nome.

— Porventura falla-lhe della? O que quer isto dizer?

— Boa duvida, falla-nos della, sim. Vê-a todos os dias, não é verdade? Tem talher á sua mesa; ella chama-se Vernage, ou cousa que o valha; sabemos o que são, diga-se entre nós que ninguem nos ouve, vizinhos e vizinhas... E então! o que tem?

— Maldito fatuo! disse Tristão, tomando o cartão de la Bretonnière e

machucando-o entre os dedos. Precisa ouvir noticias minhas um destes dias.

— Oh! oh! Berville, inflamma-se, meu charo. A Vernage tem com o senhor alguma cousa, bem vejo. Pois bem, olhe, façamos a troca. A sua confidencia pelo meu bracelete.

— Então tem o bracelete?

— Então ama a marqueza.

— Nada de gracejos. Tem-no?

— Não, não digo isto. Repito-lhe que a minha posição...

— Ora grande posição! Está zombando! Ainda quando entrasse para a Opera e fosse comparsa á razão de vinte soldos por dia...

— Comparsa! exclamou Javotte encolerisada. Por quem me toma então

o senhor! Hei de cantar nos choros, ouvio!

— Tanto como eu; hão de dar-lhe um sacco e uma touca e a senhora ha de vir em procissão atraz da princeza Izabel; ou então hão de abonar-lhe aos domingos uma gratificação para suspendel-a na ponta de uma polé no bailado da *Sylphide*. O que suppõe então que seja a sua posição?

— Supponho e disponho que, custe o que custar, o Sr. barão não veja o meu nome mettido em negocios compromettedores. Bem vio que, para recebel-o, disse que o senhor era meu parente. Não sei o que o senhor fará desse bracelete, e o senhor não quer dizer-m'o. O Sr. barão nunca me conheceu sinão sob o nome de Sra. de

Rosenval; é o nome de umas terras que meu pai vendeu. Tenho mestres, meu charo, estudo, e nada quero fazer que comprometta o meu futuro.

Quanto mais se prolongava a conversação mais soffria Tristão a resistencia e a estranha leviandade de Javotte. Evidentemente o bracelete ahi estava, talvez nesse mesmo gabinete; mas onde encontral-o? Tristão tinha ás vezes vontade de fazer como os ladrões, e empregar a ameaça para chegar aos seus fins. Um tanto de meiguice e de paciencia parecia-lhe no entanto preferivel.

— Minha boa Javotte, disse, não nos enfademos. Creio firmemente em tudo quanto me diz. Tambem não desejo de modo algum compromet-

têl-a; cante na Opera, quanto quizer, danse até, si o preferir. Minha intenção não é...

— Dansar! eu que representei Celimenes! sim, meu amiguinho, representei Celimenes em Bellevue, antes de sahir para a provincia; e meu director, o Sr. Poupinel, que assistio á representação, contratou-me immediatamente para os papeis de terceira ingenua. Passei depois á segunda grande primeira ingenua, primeiro papel marcado, e primeira cantora forte; e foi o proprio Brochard, que é tenor ligeiro, quem me fez rescindir o contrato, e Gustavo, que é Laruette, viajou commigo no Auvergne. Faziamos quatrocentos ou quinhentos francos com a *Torre de Nesle* e *Adolpho e*

Clara; não representavamos senão estas duas peças em toda a parte. E parece-lhe que eu vá dansar!

—Não nos enfademos, minha bella, peço-lhe.

—Sabe que eu representei com Frederico? Pois é verdade, representei com Frederico, na provincia, no beneficio de um homem de lettras. E' verdade que o meu papel não era lá muito importante; fazia um pagem na *Lucrecia Borgia*; mas o que é fóra de duvida é que representei com Frederico.

—Já não resta duvida, a senhora não dansará; peço-lhe que me desculpe; mas, minha chara, o tempo corre e a senhora responde a muita cousa, excepto ao que eu lhe pergunto. Acabemos com isto, si é possivel. Diga-

me: dá-me licença que vá agora mesmo á casa de Fossin, que ahi escolha um bracelete, uma cadeia, um annel, o que lhe aprouver, o que puder agradar-lhe, e que lh'o remetta ou lh'o traga, conforme desejar; em troca do que remetter-me-ha ou entregar-me-ha esta bagatella que lhe peço, e á qual sem duvida não liga importancia?

— Quem sabe? disse Javotte com tom de novo affavel; nós outras ligamos importancia a cousas bem insignificantes; e eu sou assim, gosto do que é meu.

— Mas esse bracelete não vale dez luizes e provavelmente não é o que está nelle escripto que o torna precioso para a senhora.

A vaidade masculina, de uma parte, e a faceirice feminina, de outra, são duas cousas tão naturaes e casam-se sempre tão bem que Tristão não pôde deixar de approximar-se de Javotte ao dizer-lhe estas palavras. Passára meigamente o braço pela linda cintura da sua antiga amante, e Javotte, com a cabeça pendida sobre o leque, sorria a suspirar baixinho, ao passo que o bigode do moço hussard já lhe esflorava os cabellos louros; a recordação do passado e a idéa de um bracelete novo faziam-lhe palpitar o coração.

— Falle, Tristão, disse a moça, seja inteiramente franco. Sou boa rapariga; não tenha receio. Diga-me onde irá parar a minha cobra azul?

— Está bom, filha, respondeu o

moço, vou confessar-lhe tudo; estou apaixonado.

— Ella é bonita ?

—A senhora é mais linda, ella é ciumenta, quer o bracelete ; chegou-lhe aos ouvidos, não sei como, que eu a havia amado...

— Mentiroso !

— Não, é verdade ; a senhora era, minha chara, a senhora é ainda tão completamente gentil, fresca e casquilha, uma florzinha ; seus dentes parecem perolas cahidas n' uma rosa ; seus olhos, seu pé ...

— Está bom ! disse Javotte continuando a suspirar.

— Está bom ! continuou Tristão, e o nosso bracelete ?

Javotte dispunha-se talvez a res-

ponder com a sua modulação mais terna : « Está bom, meu amigo, vá á casa de Fossin, » quando exclamou de improviso :

— Tome cuidado, está me arranhando !

O cartão de visita de la Bretonnière estava ainda na mão de Tristão, e o canto do cartão endurecido havia com effeito tocado na espadua da Sra. Rosenval. Ao mesmo tempo bateram devagarinho na porta ; o reposteiro levantou-se, e la Bretonnière em pessoa entrou na camara.

— Com effeito, senhor, exclamou Tristão, não podendo conter um movimento de despeito, entra como Marte em uma procissão de cinza.

— Como Marte em qualquer parte,

disse la Bretonniére, encantado com a sua resposta.

— Havemos de ver isso, accrescentou Tristão.

— Quando quizer, disse la Bretonnière.

— Amanhã terá noticias minhas.

Tristão levantou-se, tomou Javotte de parte :

— Conto com a senhora, não é assim? disse-lhe em voz baixa ; daqui a uma hora mando aqui.

Depois sahio, sem mais ceremonias, repetindo ainda:

— Até amanhã.

— O que quer isto dizer? perguntou Javotte.

— Eu lá sei! respondeu la Bretonnière.

V

Armando, como é facil de vêr, esperára impaciente a volta do irmão, afim de saber do resultado da conversação com Javotte. Tristão entrou-lhe em casa todo contente:

— Victoria! meu charo, exclamou; ganhamos a batalha, e ainda melhor, pois teremos amanhã todos os prazeres do mundo a um tempo.

— Sim! disse Armando; então o que ha! estás alegre que dá gosto vêr-te.

— Não é sem razão, nem sem trabalho. Javotte hesitou; tagarellou; recitou-me discursos capazes de fazer a gente dormir de pé; mas, emfim, cederá, estou certo; conto com ella. Esta

noite teremos o meu bracelete, e amanhã de manhã, para nos distrahirmos, bater-nos-hemos em duello com la Bretonnière.

— Ainda esse coitado! Queres-lhe então muito mal?

— Em verdade, não, já não lhe tenho raiva. Encontrei-o, mandei-o passeiar, dar-lhe-hei uma cutilada e perdôo-lhe.

— Então onde o viste? em casa da tua beldade?

— Em casa della, sim; não é sina desse senhor metter-se em toda a parte?

— E como nasceu o desaguisado?

— Não houve desaguisado; duas palavras, ouviste? uma miseria; fallaremos disto. Comecemos agora por

ir á casa de Fossin comprar alguma cousa para Javotte, com quem combinei uma troca ; pois não se dá assim uma cousa a mãos beijadas quando se é Javotte, e ainda sem o ser.

— Vamos, disse Armando, estou satisfeitissimo como tu por haveres conseguido o que desejavas e por teres com que confundir a tua marqueza. Mas em caminho, meu charo irmão, reflictamos, peço-te, ácerca da segunda parte da tua vingança projectada.

— Basta de palavras, disse Tristão, é cousa resolvida. Tenha eu ou não tenha razão, pouco importa : podiamos esta manhã discutir ácerca disto ; agora o vinho está desarrolhado, é preciso bebel-o.

— Não me cansarei de repetir-te,

replicou Armando, que não concebo como um homem como tu, militar, tido como valente, póde achar prazer nestes duellos sem motivo, verdadeiras criançadas, bravatas de collegial, que estiveram talvez em moda, mas de que hoje todos motejam. As lutas de partido, os duellos por amor de idéas comprehendem-se durante as crises politicas. Póde parecer divertido a um republicano medir a espada com um realista, unicamente porque se encontram: as paixões estão em luta, e tudo se desculpa. Mas este, eu não te aconselho, censuro-te. Si a tua intenção é seria, não hesito em dizer-te que em semelhante caso recusaria servir de testemunha ao meu melhor amigo.

— Não te peço que me sirvas de testemunha, mas que te cales ; vamos á casa de Fossin.

— Vamos onde quizeres, mas não desisto do meu modo de pensar. Tomar antipathia a um importuno, isto succede a todos: evital-o ou rir delle, ainda vá ; mas querer matal-o, é horrivel.

— Digo-te que não o matarei ; prometto-te, comprometto-me a isso. Um arranhão, e mais não disse. Quero pôr de tipoia o braço do cavalheiro servente da marqueza, ao mesmo tempo que lhe offerecerei humildemente, a ella, o bracelete da minha costureirazinha.

— Pensa bem, isto é inutil. Si te bates para lavar a tua honra, o que

vás fazer com o bracelete? Si o bracelete basta-te, o que vás fazer com este duello? E' verdade que me estimas um poucochinho? não te has de bater.

— Estimo-te muito, mas hei de bater-me.

Assim fallando, chegaram os dous irmãos á casa de Fossin. Tristão, não querendo que Javotte pudesse arrepender-se da troca, escolheu para ella uma linda *castellã*, que mandou embrulhar cuidadosamente, com tenção de leval-a pessoalmente e esperar a resposta, si não o mandassem entrar. Armando, tendo outra cousa em mente, e vendo o irmão mais alegre ainda com a idéa de voltar dentro em pouco com o tal bracelete, não lhe propoz acom-

panhal-o. Combinaram encontrar-se á noite.

No momento em que iam separar-se, a roda de uma caleça descoberta, correndo com grande ruido, raspou a sargeta do passeio da rua Richelieu. Uma libré extravagante, que attrahia os olhares, fez voltar os transeuntes. Nesse carro ia a Sra. de Vernage, só, negligentemente reclinada. Vio os dous moços, saudou-os com ligeiro movimento de cabeça com indolencia protectora.

— Ah! disse Tristão, empallidecendo apezar seu, parece que o inimigo veio observar a praça. Renunciou á sua famosa caçada a formosa senhora para dar uma volta pelos Campos Elyseos e respirar a poesia de Pariz.

Vá em paz ! chega a tempo. Estou realmente contente por vel-a aqui. Si eu fosse fatuo, supporia que vêm saber noticias minhas. Mas nada ; olha com que indifferença aristocratica, ainda superior á de Javotte, dignou-se reparar em nós. Apostemos que não sabe o que vem fazer : estas mulheres procuram o perigo, como as maripozas a luz. Seja-lhe leve o somno desta noite ! Irei amanhã procural-a ao levantar-se, e teremos noticias suas. E' para mim verdadeiro jubilo vencer semelhante orgulho com semelhantes armas. Si ella soubesse que tenho aqui, em minhas mãos, um presentezinho para uma rapariga, mediante o qual tenho o direito de dizer-lhe : Seus formosos labios mentiram e seus beijos

respiram calumnia ; o que diria ? Seria talvez menos soberba, não menos formosa... Adeus, meu charo, até á noite.

Si Armando não havia mais pertinazmente insistido para dissuadir o irmão de bater-se, não era que julgasse impossivel impedil-o disso ; mas conhecia que era muito violento, principalmente em uma occasião como essa, para tentar convencel-o por meio da razão; preferia lançar mão de outro recurso. La Bretonnnière, a quem conhecia de longa data, parecia-lhe ter indole mais calma e mais facil de se deixar convencer : tinha-o visto caçar prudentemente. Foi procural-o immediatamente, resolvido a vêr si desse lado não havia mais ensanchas de reconciliação. La Bretonnière estava só

na sua camara, cercado de maços de papeis, como quem pôe os negocios em ordem. Armando exprimio-lhe todo o pezar que experimentava ao ver que uma palavra (que afinal ignorava qual fosse dizia elle) pudesse levar dous homens de valor a baterem-se em duello, e dahi a uma prizão.

— O que fez então o senhor a meu irmão? perguntou-lhe.

— Que eu saiba, nada, disse la Bretonnière, levantando-se e tornando a sentar-se successivamente um tanto embaraçado, embora conservasse a costumada gravidade: seu irmão, ha muito tempo, parece indisposto contra mim; mas, si devo fallar-lhe francamente, confesso-lhe que ignoro absolutamente porque.

— Não ha entre os senhores alguma rivalidade? Não requesta o senhor alguma mulher?...

— Em verdade, não, pela minha parte não requesto pessoa alguma, e não vejo motivo algum razoavel que haja feito seu irmão transpor assim os limites da polidez.

— Nunca disputaram entre si?

— Nunca, a não ser uma vez, no tempo do cholera: o Sr. de Berville, conversando á sobremesa, sustentou que uma molestia contagiosa era sempre epidemica, e queria basear sobre este falso principio a differença estabelecida entre a palavra epidemica e a palavra endemica. Eu não podia, bem está vendo, ser da sua opinião, e demonstrei-lhe muito bem que uma

molestia epidemica podia tornar-se muito perigosa sem se communicar pelo contacto. Tivemos nesta discussão um pouco mais de calor, concordo...

— Foi só isso?

— Tanto quanto posso lembrar-me. E' possivel entretanto que se haja offendido, ha algum tempo, por eu haver cedido a um parente meu dous cães que elle desejava. Mas o que queria o senhor que eu fizesse: esse parente veio visitar-me por acaso; mostrei-lhe os meus cães, achou os dous...

— Si não foi mais do que isso, não vejo razão para arrancarem-se os olhos.

— Na minha opinião confesso que

não ; por isso digo-lhe em consciencia que não entendo absolutamente a provocação que acaba de me dirigir.

— Mas si o senhor não requesta pessoa alguma, elle pela sua parte anda talvez apaixonado pela marqueza, a cuja casa vamos caçar.

— E' possivel, mas não o creio.... Não tenho lembrança de haver jamais notado que a Marqueza de Vernage tolere ou acoroçôe assiduidades condemnaveis.

— Quem está fallando de cousas condemnaveis? Haverá algum mal em estar apaixonado?

— Não discuto essa materia ; limito-me a dizer-lhe que eu não o estou, e que conseguintemente não posso ser rival de pessoa alguma.

— Neste caso o senhor não se baterá em duello?

— Perdoe-me; sou provocado do modo mais positivo. Disse-me, quando entrei, que eu entrava como Marte em procissão de Cinza. Taes cousas não se toleram; preciso de uma reparação.

— Degolar-vos-heis por amor de uma palavra?

— A conjunctura é gravissima. Não entro nas razões que dictaram semelhante desafio; fico admirado porque parece-me singular, mas não posso fazer outra cousa mais do que acceital-o.

— E' possivel semelhante duello? No entanto o senhor não está doudo, nem Berville tambem. Vejamos, la Bretonnière, sejamos razoaveis. Sup-

põe que eu ache divertido vêl-os praticar esta extravagancia?

— Não sou nenhum cobarde, mas não sou tambem nenhum ente sanguinario. Si seu irmão me propuzer alguma desculpa, desde que seja boa e valiosa, estou prompto a acceital-a. Sinão, aqui está o meu testamento que estou cuidando de fazer, como devo.

— O que entende por desculpa valiosa?

— Entendo... é facil de comprehender.

— Mas o que?

— Uma desculpa boa.

— Mas em summa, diga mais ou menos.

— Pois bem! elle disse que eu entrava como Marte em procissão de

Cinza, e eu supponho haver-lhe respondido dignamente. E' preciso que elle retire a expressão e que diga diante de testemunhas que eu entrava simplesmente como o Sr. de la Bretonnière.

— Acredito que, razoavelmente, não póde recusar-lhe isto.

Armando sahio desta conferencia não inteiramente satisfeito, mas menos inquieto do que viera. Era no boulevard de Gand, entre onze horas e meia-noite, que justára encontrar-se com o irmão. Achou-o, andando a largos passos e agitadissimo, e predispunha-se a negociar a accommodação nos termos exigidos por la Bretonnière, quando Tristão tomou-lhe o braço, exclamando:

— Falhou tudo! Javotte zomba commigo, não tenho o bracelete.

— Por que? Eu lá sei? é uma cabecinha de vento. Fui direito á casa della; respondem-me que havia sahido. Certifico-me de que effectivamente não está em casa, e pergunto si não deixou alguma cousa para mim; a creada olha-me com espanto. Depois de muito perguntar, sei que a Sra. Rosenval jantou com o seu barão dos oculos e outra pessoa, sem duvida o maldito la Bretonnière; que se separaram depois, la Bretonnière para voltar á casa, Javotte e o barão para irem ao espectaculo, não na sala, mas na caixa; e não sei mais o que de incomprehensivel, tudo cheio de tagarellices de creada: « A senhora havia

recebido uma boa noticia; a senhora parecia muito contente; estava com pressa, não houve tempo de comerem a sobremesa, mas mandaram buscar á adega vinho de Champagne. » Entretanto tiro do bolso a bocetazinha de Fossin, que entrego á creada, pedindo-lhe que dê aquillo esta noite á ama, e em confidencia. Sem procurar entender o que não posso saber, junto ao meu presente um bilhete escripto á pressa. Nisto volto á casa, conto os minutos, e a resposta não chega. Eis em que param as cousas. Agora que a rapariga tem não sei o que na cabeça, lembrar-se-ha do que lhe pedi? Que vento sopraria nessa ventoinha?

— Mas, disse Armando, o espectaculo acabou tarde; a ventoinha carece

de tempo para lêr e responder, procurar o bracelete e mandal-o. Encontral-o-hemos em tua casa ao entrar. Deves vêr que Javotte não póde decentemente acceitar o teu presente sinão como troca. Quanto ao duello, não penses nisso.

— Por vida minha! não penso nisso, vou...

— Doudo que és! e nossa mãe?

Tristão abaixou a cabeça sem responder, e os dous irmãos tornaram á casa.

Javotte não era no entanto tão má como podel-a-hiam suppôr. Passára o dia em singular perplexidade. O bracelete pedido, a insistencia, o duello projectado, tudo isso parecia-lhe que eram outros tantos sonhos incompre-

hensiveis; cogitava sobre o que devia fazer, e via que o mais prudente era conservar-se indifferente a acontecimentos com os quaes nada tinha. Mas si a Sra. Rosenval possuia toda a altivez de uma rainha de theatro, Javotte em fundo possuia bom coração. Berville era moço e amavel; o nome dessa marqueza mettido em tudo isso, esse mysterio, essas meias confidencias, agradavam á imaginação da improvisada artista.

— Si fosse certo que elle ainda me ama um poucochinho, pensava a rapariga, e que uma marqueza tenha ciumes de mim, haveria muito risco em dar este bracelete? Nem o barão nem outros o suspeitariam; nunca ando com elle; por que razão não pres-

tar um serviço, si a ninguem prejudica?

Emquanto reflectia, abrira uma secretariazinha, cuja chave trazia ao pescoço. Ahi estavam amontoadas, confusamente, todas as joias da sua corôa, um diadema de pedras falsas com que entrava na *Torre de Nesle*, collares de diamantes artificiaes, esmeraldas de vidro que precisavam da luz dos candieiros para brilhar com fulgor duvidoso; do meio deste thesouro, tirou o bracelete de Tristão, e examinou attentamente os dous nomes gravados pela parte interna:

— E' linda esta cobrazinha, disse, qual será o pensamento de Berville querendo tornar a tomal-a? Suppõe sacrificar-me. Si a desconhecida co-

nhece-me, fico comprometida. Estes dous nomes ao lado um do outro não é lá cousa muito corrente. Si Berville apenas teve por mim um capricho, será isto uma razão?... Ora! dar-me-ha outro; ha de ser interessante.

Javotte ia talvez mandar o bracelete, quando o toque da campainha veio interromper-lhe as reflexões. Era o individuo dos oculos de ouro.

— Senhora, disse, dou-lhe noticia do triumpho; pertence aos choros. Não é lá uma cousa muito brilhante; trinta soldos, sabe, mas que importa? tem o formoso pé no estribo. Já esta noite entrará com um dominó no baile mascarado de *Gustavo*.

— Boa noticia! exclamou Javotte saltando de contente. Chorista na

Opera! já chorista! estudei a minha parte; estou com boa voz; esta noite *Gustavo!*... Ah! meu Deus!

Passado o primeiro momento de ebriedade, a Sra. Rosenval reconquistou a gravidade que convem a uma cantora:

— Barão, disse ella, o senhor é um homem encantador. Só o senhor era capaz disto, e eu conheço a minha vocação; jantemos; vamos á Opera; á gloria, voltemos, ceiemos, vá-se embora; já estou dormindo sobre os meus louros.

O conviva esperado chegou dentro em pouco. Apressaram o jantar, e Javotte não pôde deixar de querer sahir muito mais cêdo do que era

preciso. Batia-lhe o coração ao entrar pela porta dos actores nesse velho, sombrio e pequeno corredor em que Taglioni talvez passasse. Como o bailado foi applaudido, a Sra. Rosenval, coberta com um capuz côr de rosa, suppoz haver contribuido para o bom exito. Voltou á casa muito commovida, e, na embriaguez do triumpho, estavam as suas idéas a cem leguas de Tristão, quando a criada entregou-lhe a bocetinha cuidadosamente embrulhada por Fossin, e um bilhete em que achou estas palavras: « Cumpre que o prazer não a faça esquecer um amigo velho que carece de um serviço. Seja boa como outr'ora. Espero a sua resposta com impaciencia. »

— Coitado! disse a Sra. Rosenval,

tinha-o esquecido. Manda-me uma castellã; tem mais turquezas...

Javotte metteu-se na cama e não pôde dormir. Pensou muito mais no seu contrato e no seu brilhante destino que no pedido de Tristão. Mas o dia tornou a encontral-a nas melhores disposições.

— Vamos, disse a moça, sacrifiquemo-nos. O meu dia de hontem foi feliz; é preciso que todos fiquem contentes.

Eram oito horas da manhã, quando Javotte tomou o bracelete, pôz o chale e o chapéo, e sahio de casa com o coração cheio e quasi ainda costureirazinha. Chegando á casa de Tristão, vio diante da sala do porteiro uma

mulher gorda com as faces banhadas de lagrimas.

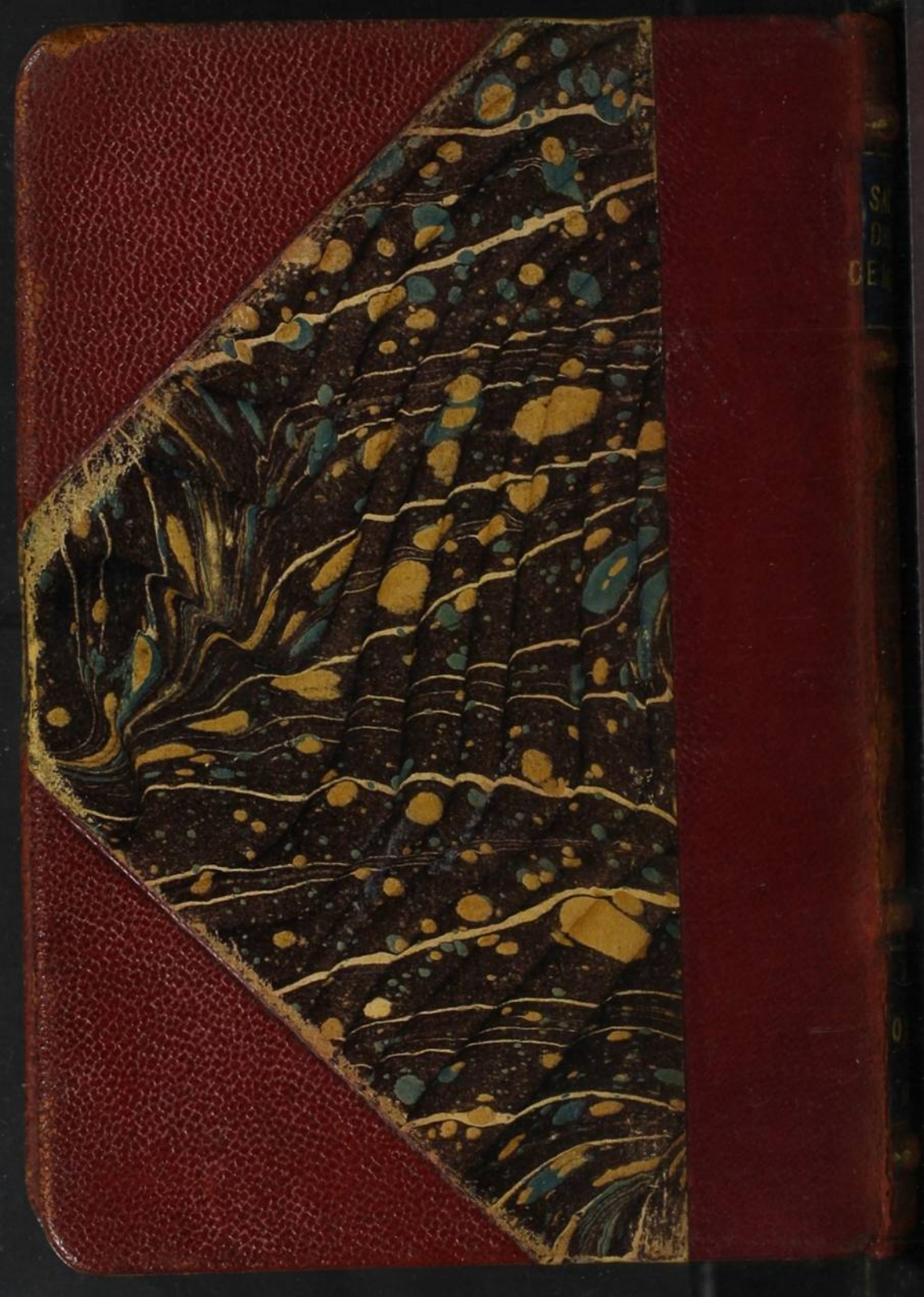
— O Sr. de Berville? perguntou Javotte.

— Ai! suspirou a mulher gorda.

— Póde fazer o favor de dizer-me si está em casa? Não é aqui?

— Ai! minha senhora... bateu-se em duello..... acabam de trazel-o... Está morto!

No dia seguinte Javotte cantava pela segunda vez nos choros da Opera sob quarto nome por ella escolhido: o de Sra. Amaldi.

FIM

17522